



Wagner, Bayreuth... e Campinas

No próximo dia 22 de maio, a cidade bávara de Bayreuth (na Alemanha Ocidental) estará comemorando o primeiro centenário do lançamento da pedra fundamental de seu renomadíssimo Teatro do Festival Wagneriano. Data assim relevante merece algumas considerações, modestas embora pela falta de autoridade de seu rabiscador. A justificativa está na alteração do dito popular: de médico, musicólogo e louco, todos temos um pouco...

Richard Wagner passou os últimos anos de sua vida justamente em Bayreuth, na "Villa Wahnfried". Houve época em que o rei Luís II da Baviera (apelidado "o louco", sem fundamento se levarmos em conta o seu senso de premonição da glória musical...) prometeu interesse e apoio para a construção do Teatro de Wagner em Munich. Todavia, capacitado da grandiosidade dos projetos do compositor — traduzidos no plano do extraordinário arquiteto Gottfried Semper — e temeroso de enfrentar as enormes despesas decorrentes, sensatamente (mais uma prova de que não era tão insano...) desistiu da idéia.

Aqui entrou a visão das autoridades municipais de Bayreuth. A cidade doou a Wagner os terrenos para seu futuro lar e para o teatro do futuro... Fundos foram angariados no mundo todo por intermédio das sociedades wagnerianas. O próprio compositor regeu inúmeros concertos para novas rendas. A cerimônia da pedra fundamental — cuja data pretendemos reverenciar — foi celebrada com a execução da 9.a Sinfonia de Beethoven, regida por Wagner. Apesar de todo esse esforço arrecadador, naquela data a importância conseguida não ultrapassara ainda um terço do total necessário (1.000 dólares)!

A construção do teatro foi progredindo lentamente, na dependência de novas contribuições. A inauguração propriamente dita foi no dia 13 de agosto de 1876, com "Das Rheingold" (O Ouro do Reno). No dia seguinte: "Die Walkure" (As Valquírias). "Siegfried", em estréia mundial, foi a ópera do 16.o dia e "Gotterdammerung" (Crepúsculo dos Deuses), também estréia mundial, foi a do 17.o. Os mais insígnis cantores wagnerianos da época participaram desses memoráveis espetáculos: Lilli Lehman, Amalia Materna, Albert Niemann, Georg Unger. Entre os regentes: Felix Mottl, Hans Richter e Anton Seidl. Foi um aconteci-

mento mundial e como paralelo no dia de hoje certamente figuraria o 1.o lançamento espacial de Cabo Kennedy em direção à lua ou a jornada olímpica de Munich. Vejam só que fartura de grandes nomes: entre os compositores presentes ao festival estavam Saint-Saens, Grieg, Anton Rubinstein, Gounod e Tchaikowski.

Toda essa magnitude (um sucesso indiscutível do ponto de vista artístico) não bastou para impedir amarga decepção econômico-financeira: houve um "deficit" de 100.000 dólares nesse primeiro festival.

O teatro permaneceu fechado até 1882, quando reabriu para a estréia mundial de "Parsifal" regida pelo maestro Hermann Levi. Em 1886, foi a vez de "Tristão e Isolda". Até a I Guerra mundial, apenas nos anos de 1898, 1900, 1903, 1905, 1907, 1911 e 1913 não houve festivais. Em 1924 foram reiniciadas as comemorações e a II Guerra Mundial — seria alcançada com apenas algumas interrupções.

Depois da morte de Wagner (em 1883), arcaram com a responsabilidade dos festivais sua esposa Cosima (filha de Liszt), seu filho Siegfried e sua nora Winifred, até os anos 30. Na reabertura após a II Grande Guerra, os netos de Wagner, Wieland e Wolfgang, tomaram as rédeas do empreendimento.

Quando imaginamos a prodigalidade das belezas desfrutadas na série inaugural dos festivais de Bayreuth, com aqueles gigantes da composição, da batuta e da voz, todos ao alcance dos sentidos dos espectadores numa movimentada vintena de dias maravilhosos; quando pensamos que existem centros artísticos como Viena, onde o amante da música pode se dar luxo de três a quatro opções diárias de espetáculos de alta categoria: ballet, câmara sinfonia ou lírico; então amargamos uma decepção muito grande ao contemplar esta pobreza de realizações artísticas no nosso grande Brasil e na nossa queridíssima Campinas!

"Quousque tandem"? Até quando vamos ter que sonhar? Infelizmente nem todas as bolsas permitem deslocções até um Scala de Milão, um Metropolitan ou Lincoln Center de Nova Iorque ou uma Ópera Estadual de Viena!

Dizem que Brasília nasceu de um sonho premonitório de Dom Bosco. Nossa única esperança, em Campinas pelo menos, está na força concretizadora de alguns sonhadores. Ainda

hem que o prestígio artístico-musical de nossa terra, com a grave responsabilidade de berço natal de Carlos Gomes e de seu irmão Santana Gomes, tem um defensor infatigável. Vem batalhando, ininterruptamente, contra os mil e um embaraços de que a inércia é mínima fração, sem recursos financeiros bastante, para a sobrevivência de pelo menos uma atividade musical nobre: a música sinfônica. É um músico excepcional, apenas não devidamente projetado porque humilde e muita humildade nesta nossa era de cabotinismo não é boa receita para se atingir preeminência... É o Maestro Luiz di Tullio. Que nos conste, só ele não parou de trabalhar duramente no terreno da música orquestral. Continua sonhando...

Não se deduza de nossas palavras estarmos acusando os conservatórios musicais de Campinas de omissão nas suas atividades. Nada disso. Estamos discutindo atividades musicais como espetáculo para o público em geral e não é essa a finalidade de um conservatório. Seus programas são de ordem didática, com a função precípua de demonstrar capacidade técnica de ensino. E no setor do ensino musical Campinas pode se vangloriar de bem aquinhoadas. Excelentes conservatórios temos, para garantir a formação de novos intérpretes e a manutenção da chama do amor à música. Viveiros magníficos prontos a colaborar no aprimoramento de futuros comandados de nosso Maestro Tullio, cujo idealismo desejamos fervorosamente transfigurado em palpável realidade.

Mas... de nada adiantaria a sonhada orquestra sem a indispensável complementação: um confortável teatro. Não vamos sonhar muito alto. Não vamos pensar — por enquanto — em teatro nos moldes do de Bayreuth ou do fabuloso novo teatro Lírico de Hamburgo. Que o 22 de maio sirva ao menos para despertar da indiferença os campineiros. O Teatro de Campinas não pode e não deve demorar. O Teatro, não o teatro...

Francamente, seria crime esquecer um fato significativo: em 1875, quase 100 anos atrás, esta cidade das andorinhas recebeu e prestigiou com lotações esgotadas (Leopoldo Amara) assim o conta) uma das maiores companhias líricas da época (a Empresa Ferri) apresentando cantores magníficos: Emilia Pezzoli, Limberti Barbacena, Mirandola e Pons.

Estariamos regredindo?